

– Parece um vendaval, não? – disse o Gato Preto, sem olhar para o Gato do Kamado e começando logo o trabalho.

– Bem, continuando a pesquisa de ontem, quero a resposta sobre os irmãos Amoníack. Segundo Secretário, qual dos irmãos Amoníack foi para o Pólo Sul?

O trabalho começou. O Gato do Kamado continuava calado, de cabisbaixo. Não tinha o seu livro de registros. Queria dizer alguma coisa sobre isso, mas a voz não saía.

–Pan, Polaris – respondeu o Gato Tigrado.

– Muito bem. Dê-me mais detalhes sobre Pan Polaris – disse o chefe Gato Preto. Ah, mas esse é o meu trabalho, pensou o Gato do Kamado, quase chorando. Meu livro de registros, meu livro de registros!

– No retorno da expedição ao Pólo Sul, Pan Polaris morreu próximo ao arquipélago de Yap. Foi sepultado no mar. – Disse o Gato Branco, o Primeiro Secretário, lendo o livro de registros do Gato do Kamado. Este ficou tão triste, mas tão triste que suas bochechas ficaram salgadas. Ele continuava cabisbaixo, lutando contra a pressão sentida no ambiente.

O escritório ficou movimentado como água borbulhante e o trabalho avançava. Às vezes, os outros gatos viravam-se para o gato do Kamado e olhavam-no de soslaio sem dizer nenhuma palavra.

Chegou o meio-dia. O gato do Kamado ficou parado, de cabeça baixa, com as mãos apoiadas nos joelhos e nem comeu seu bento que trouxera.

E logo a partir de uma hora da tarde, ele já começara a chorar. Ele ficou chorando e parando, chorando e parando por umas três horas, até o fim do expediente.

Mesmo assim, todos fingiam não notar o fato e trabalhavam como se estivessem se divertindo.

Foi nesse instante que aconteceu: os gatos não tinham percebido, mas, da janela atrás do chefe Gato Preto, podia-se ver a cabeça dourada de um leão feroz.

O leão, desconfiado, ficou olhando o interior do escritório por um longo tempo. Então, ele bateu na porta de súbito e entrou no recinto. Não é preciso dizer o pavor dos gatos. Eles só ficavam zanzando de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Apenas o gato do Kamado parou de chorar e ficou de pé, em posição de sentido.

O leão, na sua voz firme, disse:

– O que vocês estão fazendo? Para ficarem brigando, não há necessidade de Geografia ou de História. Parem com isso! Eu ordeno a dispersão de vocês!

Com isso, o escritório foi desativado.

Eu meio que concordo com o leão.

Português

Tradução: Ana Raquel Salgado

Ana Gabriela Petit Flamant

Revisão: Maria Lucia Machado de Lorenci

Jane Tutikian (1952)

Nasceu em Porto Alegre (RS). É formada em Letras pela UFRGS e doutora em Literatura Comparada. Atua, na mesma Universidade, como professora de literatura na graduação e pós-graduação. Colaborou com diversos jornais (Correio do Povo, Folha da Tarde, Jornal do Brasil, etc.). Participou de várias antologias e seus contos foram traduzidos para o inglês e o espanhol.

Cíntia Moscovich (1958)

Nasceu em Porto Alegre (RS). Escritora, jornalista, mestre em Teoria Literária, foi diretora do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. Em 1995, foi a ganhadora do Concurso de Contos Guimarães Rosa, da Rádio France Internationale, Paris. Em 2004, publicou a coletânea de contos “Arquitetura do Arco-Íris”, também pela Record, livro que lhe valeu o terceiro lugar em contos no Prêmio Jabuti, além da indicação para o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira e para a primeira edição do Prêmio Bravo Prime de Cultura.

Maria Paula

Jane Tutikian

Foi assim que Maria Paula chegou: imóvel, muda, faminta, olhar de farol, indesejável, hipnotizador, através da janela da cozinha.

No princípio, Alfredo bem que tentou ignorá-la. Havia decidido viver só e isso jamais tinha se confundido com solidão. Não permitiria, agora, que alguém entrasse, assim, na sua vida, por um olhar penetrante, através da janela da cozinha.

Mas.

Há algum tempo, ele sabia que, todos os dias de manhã, ela estava lá, e ela, aceitando o jogo, como se o jogo fosse sempre apenas uma questão de tempo, sabia que ele sabia que estava lá e, por uma questão de tempo apenas, apenas esperava.

Era assim no café-da-manhã, mas ele saía para trabalhar.

Era assim no almoço, mas de novo ele saía para trabalhar.

E.

Era assim na janta, mas. Ele ia ligeiro para a frente da televisão e ali ficava esquecendo do olhar.

Tentara vencer a timidez e falar sobre isso com alguns colegas de trabalho, de um modo que aquilo não parecesse importante, até porque não era realmente importante, de um jeito de quem não quer nada, até porque nada era o que realmente queria, mas. Terminou se dando conta de que Maria Paula começava a ser um assunto seu, pessoal, intransferível.

Algumas vezes se surpreendia pensando em *estratégias de ação*, era o raciocínio lógico do seu ramo de negócios. E quando a lógica simplificava tudo a um grito: - Chô! Vai embora!, e quem sabe? uns tiros para o céu ou quem sabe, ainda,? uns foguetes que a assustassem apenas, sentia-se, por alguma coisa humana dentro de si, absolutamente impotente para tanto. Talvez a mesma coisa que o impedia de olhá-la fixamente e fixamente sustentar o olhar. É que depois, ele sabia, aquela coisa dentro de si faria com que corresse o risco de haver um depois.

Houve um dia, entretanto - até porque, sendo, lá no escondido, um homem bom que precisava esconder sua bondade para se proteger, ganhara a fama de durão e o status de um solitário, mas, se viessem contar, acabariam descobrindo que sua vida era feita de muitos dias entretanto - houve um dia entretanto, em que, à noite, uma chuva de pedras acordou seu telhado e, assustado, ele pensou que ela poderia estar lá. Saltou da cama, tateou uma vela e os fósforos na gaveta do bidê porque, nas horas de urgência, sempre falta luz e, entre raios e trovoadas e pedras batendo nas janelas e no telhado, desceu para ver se ela estava lá.

Respirou aliviado de que não estivesse. Voltou para a cama e, ouvindo a chuva, não conseguiu mais dormir. Não parava de fazê-la molhada, com frio e com fome, por mais ridículo que se pudesse sentir, não parava de pensar nela.

Na manhã, daqueles dias preguiçosos e úmidos, feitos de uma claridade que dói os olhos, enquanto esperava a cafeteira anunciar que o café estava pronto, pôde sentir que ela chegava e se acomodava na janela, na sua frente.

Apenas o balcão da pia e o vidro da basculante os separavam, e ele, talvez vencido pelo cansaço da noite mal dormida ou pelo cansaço do jogo do tempo, se deu por vencido e, com vagar, levantou os olhos e sentiu a repugnância de ter de olhar para uma criatura de um olho só, verde, farol iluminado, o outro, a carne viva vermelha da ausência. Se deu por vencido. Abriu uma fresta pequena da janela e, por ela, estendeu-lhe um pedaço de pão e um pouco de leite. Depois, sentou-se à mesa e tomou o seu café, não sem que, vez que outra, espiasse, com o canto do olho, o olho de Maria Paula.

Os dias que se seguiram não foram muito diferentes a não ser pelo fato de que a coisa dentro dele tornava-se tão exigente quanto ela, e a cada dia sentia ceder um pouco no café, no almoço, na janta.

Houve um outro dia, daqueles, entretanto, em que ela colocou meio corpo para dentro da casa, pela janela e porque ele não disse nada, escorregou devagar, em movimentos harmoniosos, longos e sincronizados, deslizou quase bailando pela cozinha, mas sem tirar o olho do olho dominado e contemplativo de Alfredo.

- O que eu faço contigo, agora? - Perguntou a si mesmo, embora soubesse que a melhor pergunta seria o que ela vai fazer comigo, agora? Porque, agora, ela o tornava, a cada dia, diferente. Havia o prazer solene do aprendizado da divisão da comida. Havia a tolerância que nem sabia mais que havia. Havia, talvez, o amor.

Maria Paula, grata e interesseira, como amante de não muito tempo, enroscava-se, delicada e sensualmente nas suas pernas e ronronava coisas ininteligíveis que, pelo olho verde, iluminado, e pelo olho da escuridão, traduziam-se por promessas femininas e doces:

- Enquanto me quiseres.

A que Alfredo, grato por tanto carinho, sentindo-se o escolhido, assim, por tanto carinho vindo de graça, ou quase de graça, respondia:

- Enquanto tu me quiseres.

E se queriam com os olhos e com tudo o que há no fundo do fundo dos olhos.

Quando Maria Paula desapareceu, numa noite clara, de lua cheia, Alfredo, ainda que preocupado pela possibilidade de ela não voltar, pensou, afinal, que tinha o direito de se divertir, mas não pôde disfarçar o sentimento de recebê-la como a uma filha puta, quando viu que sua barriga crescia.

Embora a vontade de expulsá-la de casa, a ingrata, a coisa dentro de si ensinava-o que não podia desampará-la, agora. E, no agora, ela dormia enroscada no seu pé, protegida, e comia, satisfeita e insaciável, na sua vida de gata amparada.

Vez que outra, Alfredo surpreendia-se a admirá-la, que coisa a natureza! ão caolha e tão delicadamente grávida!

Os filhotes não nasceriam em casa, não. Poderia acontecer algum imprevisto

e ele não saberia o que fazer, porque estaria nervoso. Foi por isso que a deixou na clínica e, se tivesse amigos, compraria uma caixa de charutos, pensando que avô também tem esse direito.

Agora, Maria Paula era mais do que Maria Paula, era uma família inteira!

Alfredo não queria e dizia para si todas as manhãs, que não queria chegar no inverno sentado na frente da televisão, rodeado de gatos, mas.

Já não tinha tanta certeza disso. A certeza era de que alguma coisa havia mudado na sua vida. Podia sentir que era outro quando abria a porta e olhava a rua de sempre e a achava bonita agora, quando sentia o frio cinza do outono e as árvores perdendo as folhas e o céu feito uma grande nuvem negra pesada e achava bonito, quando as crianças da rua passavam correndo por entre seus braços e suas pernas, sem irritá-lo, quando o cachorro do vizinho ficava, incessantemente, latindo para o carteiro e ele começava a achar engraçado, quando a mulher gorda da esquina se insinuava, de boca vermelha e lenço floreado na cabeça, e ele conseguia olhá-la com uma ternura fugaz e, no escritório, já podia ouvir, sem medo e com certo prazer, ouvir o som da sua própria voz. Decididamente, alguma coisa havia mudado. Será isso tornar-se melhor? O que não mudaria era o fato de que ele passaria, sim, o inverno e todos os invernos rodeado de gatos.

Só te conto essa história porque eles passaram por aqui, agora, vigiados pelo olho atento, materno, o farol iluminado de Maria Paula: Linda Inês, Linda Batista, Linda Evangelista, Luís Otávio, Otávio Augusto. Ou seria Maria Paula, Linda Batista, Linda Evangelista, Linda Inês, Otávio Augusto, Luís Otávio? Ou seria Maria Paula, Linda Evangelista, Linda Inês, Linda Batista, Otávio Augusto, Luís Otávio. Ou seria?

Alfredo sabe. É dessas desordens que só se ordenam verdadeiramente no coração.

Maria Paula

Jane Tutikian

Tradução: Ana Rachel Salgado¹

Assí llegó María Paula: inmóvil, muda, hambrienta, la mirada de faro, indeseable, hipnótica, a través de la ventana de la cocina.

En principio, Alfredo intentó ignorarla. Había decidido vivir solo y esto jamás se había confundido con soledad. No permitiría, ahora, que alguien entrara, así, en su vida, por una mirada penetrante, a través de la ventana de la cocina.

Pero.

¹ Tradutora. Bacharel em Letras – Português/Espanhol, UFRGS

Hace algún tiempo, él sabía que, todos los días por la mañana, ella estaba allí, y ella, aceptando el juego, como si el juego fuera siempre una cuestión de tiempo, sabía que él sabía que estaba allí y, sólo por una cuestión de tiempo, sólo esperaba.

Era así en el desayuno, pero él salía para trabajar.

Era así en el almuerzo, pero nuevamente él salía para trabajar.

Y.

Era así en la cena, pero. Él iba deprisa ponerse ante el televisor y allí se quedaba olvidándose la mirada.

Intentara vencer la timidez y hablar sobre esto con algunos compañeros de trabajo, de una manera que aquello no pareciera importante, incluso porque no era realmente importante, así como si nada, incluso porque nada era lo que realmente quería, pero. Terminó dándose cuenta de que María Paula empezaba a ser un tema suyo, personal, intransferible.

Algunas veces se sorprendía pensando en *estrategias de acción*, era el razonamiento lógico de su área de negocios. Y cuando la lógica simplificaba todo a un grito: - ¡Vete! ¡Vete de aquí!, ¿y quién sabe? unos tiros hacia el cielo o, ¿quién sabe aún? unos cohetes que la asustaran solamente, se sentía, por algo humano que había dentro de sí, absolutamente impotente para ello. Quizá la misma cosa que lo impedía de mirarla fijamente y fijamente sostener su mirada. Es que después, él sabía, aquella cosa dentro de sí haría con que corriera el riesgo de que hubiera un después.

Sin embargo, hubo un día – incluso porque, siendo, allá en lo oculto, un hombre bueno que necesitaba ocultar su bondad para protegerse, ganara la fama de tipo duro y el status de un solitario, pero, si vinieran a contar, acabarían descubriendo que su vida estaba hecha de muchos días, pero – sin embargo hubo un día, en que, por la noche, una lluvia de granizo despertó su tejado y, asustado, él pensó que ella pudiera estar allá. Saltó de la cama, tateó una vela y las cerillas en el cajón de la mesilla porque, en las horas de urgencia, siempre falta la luz y, entre rayos y truenos y pedriscos golpeando en las ventanas y en el tejado, bajó a ver si ella estaba allá.

Respiró aliviado de que no estuviera. Volvió para la cama y, oyendo la lluvia, no más logró dormir. No dejaba de verla mojada, con frío y con hambre, por más ridículo que pudiera sentirse, no dejaba de pensar en ella.

En la mañana, de aquellos días perezosos y húmedos, hechos de una claridad que duelen los ojos, mientras esperaba la cafetera anunciar que el café estaba listo, pudo sentir que ella llegaba y se acomodaba en la ventana, delante suyo.

Sólo el mármol de la cuba y el vidrio de la basculante los separaban, y él, quizá vencido por el cansancio de la noche mal dormida o por el cansancio del juego del tiempo, se dio por vencido y, muy despacio, levantó los ojos y sintió la repugnancia de tener que mirar a una criatura de un solo ojo, verde, faro iluminado, el otro, la carne viva roja de la ausencia. Se dio por vencido. Abrió una pequeña rendija en la ventana y, por ella, le alcanzó un trozo de pan y un poco de leche. Después, se

sentó a la mesa y desayunó, no sin que, vez u otra, espiara, de reojo, el ojo de María Paula.

Los días que siguieron no fueron muy diferentes no fuera por el hecho de que la cosa dentro de él se volvía tan exigente como ella, y a cada día sentía ceder un poco en el desayuno, en el almuerzo, en la cena.

Sin embargo, hubo otro día de aquellos en que ella puso medio cuerpo para dentro de la casa, por la ventana y porque él no dijo nada, deslizó despacio, en movimientos harmónicos, largos y sincronizados, deslizó casi bailando por la cocina, pero sin desviar el ojo del ojo dominado y contemplativo de Alfredo.

- ¿Qué hago contigo ahora? - Se preguntó a sí mismo, aunque supiera que la mejor pregunta sería ¿qué ella va a hacer conmigo ahora? Porque, ahora, ella lo hacía, a cada día, diferente. Había el placer solemne del aprendizaje de la división de la comida. Había la tolerancia que siquiera sabía más que había. Había, quizá, el amor.

María Paula, grata y codiciosa -, como amante de no mucho tiempo, se enroscaba, delicada y sensualmente en sus piernas y ronroneaba cosas ininteligibles que, por el ojo verde, iluminado, y por el ojo de la oscuridad, se traducían en promesas femeninas y dulces:

- Mientras me quieras.

A que Alfredo, grato por tanto cariño, sintiéndose el elegido, así, por tanto cariño que llegaba regalado, o casi regalado, respondía:

- Mientras tú me quieras.

Y se querían con los ojos y con todo lo que hay en el fondo del fondo de los ojos.

Cuando María Paula desapareció, en una noche clara, de plenilunio, Alfredo, aunque preocupado por la posibilidad de que ella no volviera, pensó, en fin, que ella tenía el derecho de divertirse, pero no pudo disimular el sentimiento de recibirla como a una hija puta cuando vio que su vientre crecía.

Aunque tuviera ganas de expulsarla de casa, la ingrata, la cosa dentro de sí le mostraba que no podía desampararla ahora. Y, en el ahora, ella dormía enroscada a sus pies, protegida, y comía, satisfecha e insaciable, en su vida de gata amparada.

Vez que otra, Alfredo se sorprendía a admirarla, ¡qué cosa la naturaleza! ¡tan tuerta y tan delicadamente embarazada!

Los cachorros no nacerían en casa, no. Podría haber algún imprevisto y él no sabría qué hacer, porque estaría nervioso. Fue por ello que la dejó en la clínica y, si tuviera amigos, compraría una caja de cigarros, pensando que el abuelo también tiene este derecho.

Ahora, María Paula era más que María Paula, ¡era toda una familia!

Alfredo no quería y decía para sí todas las mañanas, que no quería llegar al invierno sentado delante de la televisión, rodeado de gatos, pero.

Ya no estaba tan seguro de ello. La seguridad era que algo había cambiado en

su vida. Podía sentir que era otro cuando abría la puerta y miraba la calle de siempre, y ahora ésta le parecía linda, cuando sentía el frío gris del otoño y a los árboles cayéndoles las hojas y el cielo como una gran nube negra pesada y le parecía lindo, cuando los niños de la calle pasaban corriendo entre sus brazos y piernas, sin irritarlo, cuando el perro del vecino empezaba a ladrar incesantemente para el cartero y esto le parecía divertido, cuando la mujer gorda de la esquina se insinuaba, de boca roja y pañuelo florido en la cabeza, y él lograba mirarla con una ternura fugaz y, en la oficina, ya podía escuchar, sin miedo y con cierto gusto, escuchar el sonido de su propia voz. Decididamente, algo había cambiado. ¿Será esto volverse mejor? Lo que no cambiaría era el hecho de que él pasaría, sí, el invierno y todos los inviernos rodeado de gatos.

Sólo te cuento esta historia porque ellos pasaron por aquí, ahora, vigilados por la mirada atenta, materna, el faro iluminado de María Paula: Linda Inés, Linda Batista, Linda Evangelista, Luis Otavio, Otavio Augusto. ¿O sería María Paula, Linda Batista, Linda Evangelista, Linda Inés, Otavio Augusto, Luis Otavio? ¿O sería María Paula, Linda Evangelista, Linda Inés, Linda Batista, Otavio Augusto, Luis Otavio? ¿O sería?

Alfredo lo sabe. Es de estos desórdenes que sólo se ordenan verdaderamente en el corazón.